

humanitas

Vol. XIII-XIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XIII E XIV



COIMBRA

MCMLXI - LXII

Decreto-lei n.º 26.611 e com o desejo da Exm.^a Senhora D. Maria da Piedade de Sárrea Sanches de Baena Morais, a estátua deu entrada no Museu Regional de D. Lopo de Almeida, em Abrantes.

Seja-me permitido destacar aqui o alto exemplo dado por aquela senhora ao ceder, espontaneamente e sem quaisquer condições, esta obra de arte a um estabelecimento oficial. A essa nobre atitude, como não poderia deixar de ser, foi sensível o Governo ao dar-lhe público testemunho de louvor. Mas deve também salientar-se, sobretudo quando se recordam tantas incompreensões, mal disfarçadas hostilidades, e, até, actos de puro vandalismo, a colaboração prestada aos sei viços do Ministério da Educação Nacional por todos os que neste caso tiveram interferência: a Câmara Municipal de Abrantes, que cedeu trabalhadores e meios de transporte, e contratou com um canteiro-marmorista a execução da difícil tarefa de remoção da pesada estátua; a Fundação Soares Mendes, que emprestou a aparelhagem necessária; o delegado da J.N.E., que deu os passos convenientes para assegurar a colaboração de todos; e os humildes trabalhadores que auxiliaram a salvaguardar esta bela peça de escultura que muito valoriza o museu em que se encontra.

J. M. Bairrão Oleiro

GREGO E LATIM NOS JORNAIS AMERICANOS

Para este número de *Humanitas* resolvi fazer uma selecção de notícias lidas no *New York Times* e outros jornais. Elas mostram que na complexidade e variedade da vida americana, onde se cruzam pacificamente (com ocasionais, mas raras, explosões de violência) todas as raças, todas as línguas e todas as culturas, neste país de imigrantes, ou descendentes de imigrantes de todas as proveniências, a cultura greco-latina não é esquecida dos grandes órgãos da opinião pública.

No famoso jornal (ao mesmo tempo o mais barato) de Nova Iorque, que publica diariamente 50 páginas (por 5 céntimos) e aos domingos 500 (por 30 céntimos), aparecem com frequência notícias sobre as línguas e culturas da Grécia e da Roma antigas. Mas além do *New York Times*, outros diários se referem usualmente a assuntos clássicos.

O campo representado com mais frequência é o da Arqueologia.

Assim, em 14 de Fevereiro de 1961, veio a público no referido jornal a notícia de que os três guerreiros etruscos, de dimensões acima do normal, que o *Metropolitan Museum* exhibia orgulhosamente, desde 1933, eram obra de hábeis falsificadores. Os guerreiros, de terra-cotta pintada a preto e vermelho, feições angulosas sob enormes capacetes, há muito constituíam motivo de suspeita, tanto para os especialistas do museu como para os estrangeiros. Mas as dúvidas sobre pormenores de estilo não eram bastante convincentes. Foram os modernos processos de análise que decidiram a matéria.

Longas e pacientes experiências revelaram que o vidro das esculturas continha dióxido de manganésio, um composto químico cuja utilização data de há uns cem anos. Deste modo, as estátuas não podiam ser do século v a.C.

Um ano depois, em 22 de Janeiro de 1962, saído igualmente da pena de Sanka Knox, mais um artigo revelava que o *Metropolitan Museum* de Nova Iorque, depois da concludente análise espectrográfica, obtivera a confissão escrita e assinada do único dos falsificadores ainda vivo. Este indivíduo, residente em Itália, exibira ainda outras provas confirmatorias desta sua *recriação* artística, nomeadamente, o polegar esquerdo do guerreiro maior, que guardava como recordação.

E assim, ao mesmo tempo que publicava um documentado relatório sobre o caso, o *Metropolitan* relegava as três peças para um armazém onde podem ser examinadas pelos estudiosos.

Sanka Knox dá frequentemente notícia das aquisições de arte grega e romana, domínio em que pontifica o perito Dietrich von Bothmer, «curator of Greek and Roman art» do *Metropolitan Museum*. A história de algumas dessas compras é uma verdadeira reportagem de aventuras. (Ver, por exemplo, o *New York Times* de 17 de Janeiro de 1961).

Muitas das notícias em jornais referem-se às Missões Arqueológicas de universidades americanas e são recebidas directamente da Grécia ou de membros de expedições de lá regressados.

Assim, no pretérito verão, a Universidade de Cincinnati escavou na ilha de Kea, 42 kms. a sudeste de Atenas. Aí, importantes descobertas, facilitadas pelo facto de a cidade ter sido destruída por

terramotos e não por incêndio e pilhagem, permitiram relacionar a civilização de Kea em 1400 a.C. com o mundo da Creta minóica. Um templo encontrado na ilha, com restos de estatuária religiosa, fica sendo o mais antigo até hoje descoberto na Grécia.

A expedição arqueológica organizada pelas universidades de Harvard e Cornell, que fez o seu quarto verão em Sardes, na actual Turquia ocidental, realizou descobertas que vão desde 600 a.C. até 400 d.C. Na antiga capital da Lídia, foram encontrados numerosos exemplares de olaria de períodos diversos e um ginásio da época romana, datado por inscrições de 211/212 d.C., juntamente com uma instalação balneária também romana.

A *American School of Classical Studies at Athens*, com a cooperação de estudantes formados de universidades dos Estados Unidos e do Canadá, escavou as encostas de Acrocorinto onde encontrou um santuário do séc. vi a.C. que, de acordo com a descrição de Pausânias, parece ser o de Deméter e da Kore.

Na ágora de Corinto, descobriu-se uma estrada romana daí até o porto de Kenchreai que servia a cidade.

Num artigo interessantíssimo publicado no *New York World-Telegram and the Sun* de 23 de Fevereiro de 1962, o jornalista Edward Ellis revela que, de entreo pessoal especializado do *Metropolitan Museum*, um dos mais populares conferencistas é Stuart M. Shaw que fala, durante o ano lectivo, sobre cultura e arte da Grécia e de Roma. As suas palestras são frequentadas por audiências de centenas de pessoas.

Durante o verão, Mr. Shaw passa seis semanas em Samotrácia, colaborando com a missão da *New York University* que vem, há anos, escavando a ilha. A *New York University* também lá construiu o museu em que se guardam os achados arqueológicos feitos em Samotrácia.

Notícias arqueológicas de todo o mundo aparecem nos jornais americanos. São normalmente pormenorizadas e de informação segura, quer se trate do Ludus Magnus, escola gladiatoria do tempo de Domiciano, a menos de cem metros do Coliseu, encontrada em Roma em Novembro de 1961; ou da redescoberta, no fim do mesmo ano,

dum túmulo etrusco do séc. v a.C., com animadas cenas a cores, que se considerava perdido desde o século passado e apareceu em Monterozzi, perto de Tarquinia, a uns 80 kms. a norte de Roma.

Por vezes, em duas linhas, é dada a súpula de um livro importante, como no caso de *Mycenaeans and Minoans* de Leonard R. Palmer, o professor de Oxford e colaborador do falecido Michael Ventris: a corrente de civilização deste período do mundo mediterrâneo veio da Grécia para Creta e não desta ilha para o continente, como geralmente se admite. O livro foi recentemente (1962) publicado em Nova Iorque.

Um tópico frequente nos jornais de Nova Iorque, dadas as dimensões da comunidade judaica da cidade, são os achados de textos hebraicos nas cavernas do Mar Morto. Como se sabe, muitos deles dizem respeito à rebelião dos judeus contra a dominação romana, esmagada pelos legionários em 135 d.C.

O ensino do Grego e do Latim, sobretudo deste último, e a sua importância na vida escolar, são frequentemente discutidos nos jornais.

O *New York Times* de 23 de Julho de 1961, informava em reportagem de Washington, que o Latim vem registando crescente popularidade entre os estudantes americanos. É a segunda língua estrangeira, logo a seguir ao Espanhol, pelo que diz respeito ao aumento de alunos nos últimos dez anos.

Por outro lado, nas informações sobre Educação, publicadas na Secção 4 da edição dominical, intitulada «The News of the Week in Review», do *New York Times* de 9 de Abril de 1961, noticiava-se que *The American Classical League* e *The American Philological Association* tinham iniciado uma campanha pública para que as Humanidades e as Línguas Clássicas fossem abrangidas pelo «National Defense Education Act».

Este decreto destina-se a proporcionar auxílio do Estado (a maior parte das grandes escolas secundárias e universitárias são particulares) para promover o estudo das línguas pouco conhecidas na América, entre elas o Português.

Traduzo agora a notícia:

«As duas organizações (acima mencionadas) estão a insistir com os cidadãos para que se dirijam aos seus representantes 110 Congresso

a fim de reverem o decreto, em favor dos Estudos Clássicos. Acentuam os seguintes pontos:

1) O presente decreto pende demasiado para as ciências e para as línguas modernas e poderá resultar num programa educacional desequilibrado.

2) O Latim e o Grego são os instrumentos fundamentais para atingir o conhecimento em primeira-mão dos documentos importantes da civilização ocidental.

3) O exemplo da Rússia é significativo. A maioria dos institutos soviéticos de línguas estrangeiras, nos quais são treinados quase todos os professores de línguas e intérpretes, exigem dois semestres de latim.»

Algumas notícias pitorescas da colorida e variada existência dos americanos :

Miss Hazel M. Bratt, professora de Latim na *Montgomery Blair High School*, segundo Carole Bowie, do jornal *The Washington Post* (22.xii.1961), transforma a sua aula em Senado Romano, com alunos e alunas vestidos de toga (um lençol branco por cima da roupa diária) e põe os escolares a recitar Marco Túlio Cícero.

Os alunos acham o seu método ao vivo tão interessante, que fazem horas extraordinárias de Latim, traduzindo Ovídio, e ganharam, nos últimos seis anos, consecutivamente, três primeiros lugares nos exames nacionais de Latim. Publicam ainda um jornal em latim.

O número de alunos dos cursos de latinidade de Miss Bratt duplicou nos últimos dois anos. Miss Hazel Bratt recebeu como prémio pelos seus esforços uma viagem à Grécia onde estagiou no verão passado.

A eleição de John Kennedy e o seu discurso de posse impressionaram a gente nova, mesmo aqueles que não tinham idade para votar. Oito alunas da Dalton School, um liceu novaiorquino, resolveram traduzir para latim o discurso de posse no Capitólio (de Washington) e, por altura da época de exames do ano passado, tinham vertido três quartos do texto que enviaram ao Presidente.

Cortêsmente, *Johannes Filiusgeraldi Kennediensis*, com o auxílio de um secretário, respondeu num latim que não é mau de todo e pode apreciar nos jornais.

Os alunos da Universidade de Harvard, em Abril de 1961, protestaram durante duas noites consecutivas contra o uso de inglês, em substituição do latim, nos pergaminhos dos diplomas de formatura. As manifestações levaram a grande agitação nas ruas de Cambridge (Mass.), onde fica Harvard, vendo-se a polícia forçada a empregar bombas de gás.

Tudo começou com uma campanha ae estudantes mais adiantados e «serious-minded» que, segundo o *New York Times* (29.iv.1961) declararam «acreditar que o Latim simbolizava a excelência das Artes Liberais e tinha o peso de uma tradição originada em 1636, quando da fundação de Harvard».

Em 5 de Junho de 1961, ao fazer em nome dos finalistas do ano o seu «valedictory address» na *Columbia University* de Nova Iorque, a mais famosa (*New York University* é a maior) da colossal urbe de oito milhões de habitantes, o estudante Mr. John Vaio resolveu falar em latim.

Esta decisão, largamente referida nos jornais, causou sensação. Para evitar objeções dos que podiam não entender latim, foi distribuída à assistência uma tradução em inglês.

Possuo um exemplar do discurso de Mr. Vaio que o orador, a meu pedido, teve a gentileza de enviar-me.

Duas notas sobre livros:

Um dos «best-sellers» de 1961 foi a *versão latina* de um livro de literatura infantil em inglês, *Winnie-the-Poo*, escrito por A. A. Milne em 1926. Traduzido para latim por Alexander Lenard, em 1960, o seu êxito foi tão completo que o meu exemplar, comprado há meses, pertence à 9.^a impressão, em Abril de 1961 (7.^a em Fevereiro, 8.^a em Março). O seu título latino é: *A. A. Milnei, Winnie ille Pu. Liber celeberrimus omnibus fere pueris puellisque notus nunc primum de Anglico sermone in Latinum conversus auctore Alexandro Lenardo. Novi Eboraci: Sumptibus Duttonis, MCMLX.*

Acaba de ser gravado em disco por Dudley Fitts, classicista e escritor.

O «Bollinger Prize» para a melhor tradução de poesia para inglês, recentemente criado, foi atribuído à tradução de Robert Fitzgerald

da *Odisseia* de Homero, publicada na primavera de 1961 por Doubleday & Co., de Nova Iorque.

O prémio é de 2.500 dólares (uns setenta e cinco contos) e Mr. Fitzgerald, que se formou em Harvard em 1933, é um conhecido jornalista, com três livros de versos já publicados.

Guardo para um próximo número de *Humanitas* impressões pessoais sobre muitos acontecimentos (conferências, exposições, teatro) com interesse para a Filologia Clássica, a que assisti durante os meus três anos em Nova Iorque.

Nova Iorque, Março de 1962

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

PEQUENAS NOTÍCIAS SOBRE OS ESTUDOS CLÁSSICOS NA BÉLGICA

Esperamos no próximo número publicar uma crónica sobre as Letras e a Cultura Clássicas na Bélgica, comentando e desenvolvendo, entre outras, as seguintes notícias, que desde já oferecemos aos nossos leitores :

— Em 21.11.62, o grupo «Le théâtre antique à la Sorbonne» representou *Os Persas* de Esquilo.

— O Colégio de Filosofia e Teologia dos Padres Jesuítas de Heverlée reeditou em reimpressão fototípica ampliada e acompanhada de um quadro de abreviaturas as *Opera Philosophica* de Avicena, Veneza, 1508, entre as quais se incluem os comentários aos *De caelo et mundo* e *De Animalibus* de Aristóteles.

— Pelo mesmo processo fototípico saíram já dois volumes dos onze que constituem as *Opera Omnia* de Erasmo, em edição que não é dos Padres Jesuítas, mas aproveita o exemplar existente na biblioteca deles.

— Em 16.III.63, Mr. Adrien Jans fez uma conferência em Bruxelas sobre «Humanisme latin et Roman contemporain».